



Apresentação do dossiê

Caleidoscópio de olhares: mulheres nas ciências e enfrentamentos às violências de gênero

Este dossiê temático é resultado da 2ª edição do Seminário de Pesquisas do Observatório Caleidoscópio, organizado pela nucleação Sul-Sudeste do *INCT Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências* (projeto nº 406771/2022-7). Criado em 2022, com sede na Universidade de Brasília, o instituto configura-se como o primeiro Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT-CNPq/MCTI) com foco em estudos feministas no Brasil. Ele é coordenado por Viviane Resende (UnB) e Karla Bessa (Pagu/Unicamp). A nucleação Sul-Sudeste é coordenada por Joana Maria Pedro (Legh/UFSC), Karla Bessa e Maria Margaret Lopes (Pagu/Unicamp).

O Seminário de Pesquisas teve início em abril de 2024 e conta já com um primeiro dossiê, publicado pela revista *Feminismos* (Pedro, Bessa, Guzzo, 2026), com artigos referentes aos trabalhos apresentados até novembro daquele ano. Nesta edição, estão reunidas algumas das contribuições apresentadas durante o primeiro semestre de 2025 (março a junho), que contou com a participação de pesquisadoras e pesquisadores de instituições de diferentes regiões do país. Em quatro sessões mensais, com duas exposições cada, pudemos conhecer e debater sobre investigações desenvolvidas nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Santa Catarina, Amazonas e no Distrito Federal – divulgadas em site, Boletim e também reproduzidas no canal do INCT no Youtube (Sousa et al., 2025).

Tais encontros, cujo objetivo é o fortalecimento de redes de pesquisa e ação em âmbito nacional e internacional, abordam investigações centradas na análise de indicadores e trajetórias de mulheres nas diferentes áreas científicas, sua inserção e desenvolvimento profissional, bem como o

diagnóstico e o enfrentamento às diferentes violências de gênero vivenciadas no ambiente acadêmico, considerando perspectivas interseccionais e interdisciplinares. Em muitos casos, as temáticas se entrecruzam, como se pode ver no conjunto de artigos aqui publicados.

Os 3 primeiros deles abordam o espaço universitário, sendo que os dois iniciais (Ela Wiecko e Carolina Giordano) contemplam a atuação na docência e em cargos de posições de poder, enquanto o terceiro (Morgani Guzzo) detém-se sobre o enfrentamento da violência de gênero nesses espaços – violências essas que, juntamente com as desigualdades expressas por indicadores quantitativos e qualitativos, permeiam os demais artigos. Já os dois últimos (Mirlene Simões e Itaassu Ribas) nos convidam a refletir sobre tais assimetrias em outros cenários: na vida profissional e constituição de carreira para além da universidade e no mundo virtual da Inteligência Artificial, evidentemente, não sem consequências para o mundo real.

Abrindo o dossiê, Ela Wiecko de Castilho (Universidade de Brasília) e Stella Coeli de Souza (Grupo de Pesquisa Direito, Gênero e Famílias) traçam o perfil d**As mulheres docentes dos cursos de graduação em Direito em instituições públicas e privadas de ensino superior do Brasil (2010–2023)**. A partir de fartos dados disponibilizados pelo INEP e sua análise estatística, identificam tal perfil sob diversos marcadores sociais e constataam, em especial, a prevalência persistente de homens brancos. Por sua vez, as mulheres também são majoritariamente brancas, demonstrando desigualdades sedimentadas pela ausência de ações afirmativas de acesso à docência que contemplem gênero e raça de forma interseccional.

Na sequência, Carolina Giordano Bergmann (Instituto Federal Catarinense) e Miriam Grossi (Universidade Federal de Santa Catarina) tratam das vivências de mulheres reitoras em **“Eu só fui ocupando”: Violência Política de Gênero em narrativas de reitoras de instituições federais**. Os relatos, captados etnograficamente, denunciam diferentes formas de desqualificação e intimidações sofridas por aquelas que ocupam posições de liderança, ainda socialmente tidas como inadequadas às mulheres, reproduzindo-se a cultura patriarcal vigente em nossa sociedade.

O artigo também visibiliza o ato de resistência que seus acessos e permanências no mais alto cargo da gestão acadêmica representam, e enfatiza o teor político das violências desferidas nesses casos.

Morgani Guzzo e Pedro Henrique Ramos Ordones (ambos da Universidade Federal de Santa Catarina) abordam as **Ações contra as violências no ensino superior: políticas, mecanismos e a informação nos sites de instituições públicas brasileiras**. Partem da premissa de que as IES devem posicionar-se frente às opressões de gênero e garantir o direito a canais de denúncia e acolhimento à toda a comunidade acadêmica, especialmente os grupos socialmente minorizados, que são os mais afetados. Ao mapear os equipamentos institucionais existentes na região Sul-Sudeste, chamam a atenção para a necessidade de fortalecimento e divulgação de tais estratégias, ainda pouco implementadas, e a dificuldade de encontrar as políticas, serviços ou âmbitos de denúncia dentro da estrutura universitária em razão do difícil acesso na Internet.

Mirlene Fátima Simões (Universidade Estadual de Campinas), em **Doutoras e recém-doutoras: reflexões sobre a perspectiva da Ciência como profissão**, discorre sobre os percursos profissionais das recém-doutoras no Brasil, analisando indicadores de titulação e empregabilidade, associados aos desafios e desigualdades de gênero relacionados. Com base em dados oficiais do sistema de ciência e tecnologia brasileiro e no estudo de caso da cidade de São Carlos-SP, demonstra que, se as mulheres já alcançaram a paridade numérica no último nível de formação do ensino superior, muito há ainda por ser feito no sentido de sua absorção pelo mercado de trabalho em igualdade ocupacional e salarial.

Por fim, Itaassu Ribas Melo (Universidade Federal do Amazonas) fecha este dossiê com **A lente algorítmica: Inteligência Artificial Generativa, viés de gênero e a luta pela pluralidade de narrativas no audiovisual**. O texto insere-se no conjunto da obra como artigo de opinião, refletindo sobre o papel da IAG na reprodução e hegemonização de estereótipos de gênero. Ancorado em argumentos da crítica feminista, aborda o tema como potente campo em disputa e mobiliza elementos para sua transformação em

tecnologia inclusiva. Destaca-se também o uso explícito da IA na modelagem textual para a confecção de seu próprio trabalho, em consonância com as questões éticas que o embasam.

Temos, assim, abordagens estatísticas relacionadas à formação e à profissionalização de mulheres cientistas, em área específica da docência e no mundo do trabalho em geral; metodologias etnográfica e exploratória sobre a violência de gênero presente nos diferentes níveis da hierarquia acadêmica, e o acesso à informação acerca de medidas protetivas às vítimas e punitivas aos agressores; e um relato baseado na experiência do autor no meio audiovisual, exprimindo seu ponto de vista em relação aos usos estratégicos de uma tecnologia que se faz cada vez mais presente, de ampla relevância social, inclusive no que se refere às relações de poder em gênero.

Esperamos, com a produção apresentada, continuar contribuindo com o debate acerca das potencialidades e desafios da participação de mulheres na ciência no Brasil, em suas diferentes expressões e áreas de atuação. Com perspectiva sensível, analítica, coletiva e combativa, seguimos confiantes que pensar e agir sob a ótica de gênero – em suas diferentes percepções, experiências e interseccionalidades – nos fornecem subsídios para a construção de políticas públicas e demais ações concretas em direção à equidade, à diversidade e à transformação social. Se aqui os esforços miram a esfera científica e tecnológica, sabemos que as relações traçadas não se esgotam nessa dimensão, posto que advém de construtos históricos e estruturais da sociedade como um todo, da qual a Ciência não está apartada.

As organizadoras

Lia Sousa (Pagu/Unicamp)

Mirlene Simões (Pagu/Unicamp)

Maria Cristina Cavaleiro (UENP)

Referências

Observatório Caleidoscópio do INCT Caleidoscópio. Disponível em: <https://observatoriocalcidoscopio.unicamp.br/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

PEDRO, Joana M.; BESSA, Karla A. M.; GUZZO, Morgani. Apresentação do Dossiê Mulheres na Ciência: Trajetórias e Estratégias de Enfrentamento às Desigualdades e Violências de Gênero. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 14, n. 1, 2026. DOI: 10.9771/rf.14.1.73919. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/73919>. Acesso em: 12 jun. 2026.

SOUSA, Lia; BESSA, Karla; LOPES, Margaret; PEDRO, Joana; GUZZO, Morgani; SIMÕES, Mirlene. Atividades do Observatório Caleidoscópio – Nucleação Sul/Sudeste. *Boletim INCT Caleidoscópio*, v. 2, n. 4, 2025. Disponível em: <https://observatoriocalcidoscopio.unicamp.br/edicao/boletim-004/atividades-do-observatorio-caleidoscopio-nucleacao-sul-sudeste/>. Acesso em: 12 jun. 2026.